

¹A INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE HISTÓRIA DA CIÊNCIA, BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

E-mail:
edilenne@gmail.com
mfn@uevora.pt
y.alvarenga@gmail.com
malheiro@letras.up.pt

Edilene Toscano Galdino dos Santos², Maria de Fátima Nunes³, Eliany Alvarenga de Araújo⁴, Armando Barreiros Malheiro da Silva⁵

RESUMO

Aborda aspecto interdisciplinar entre a História da Ciência, Biblioteconomia e Ciência da Informação, numa perspectiva de fundamentação, para tanto nessa etapa foi utilizada a pesquisa documental na construção de uma base conceitual, cujo resultado desta revisão, é apresentar uma noção de confluência entre as ciências abordadas, como áreas de conhecimento, interagindo entre possibilidades de interrelacionamento, para produção de conhecimento numa perspectiva histórica.

Palavras-chave: História da Ciência. Biblioteconomia. Ciência da Informação. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

It is approached an interdisciplinary aspect between Science History, Librarianship and Information Science, in a theoretical foundation perspective. For that, it is used documentary research in this stage, in order to make a conceptual basis, whose result of this review is to present a notion of confluence between the approached sciences, as knowledge areas, interacting among interrelationship possibilities for knowledge production in a historical perspective.

Keywords: Interdisciplinarity. Science History. Librarianship. Information Science.

INTRODUÇÃO

Do desafio possível, na compreensão da História da Ciência com a área da Biblioteconomia e Ciência da Informação estão na curiosidade pelo passado, onde se situa uma realidade histórica ou contemporânea, que se constitui como história. Ventilamos uma possibilidade dialógica na compreensão de que o conhecimento não é estanque, nem se limita apenas a ser dividido em áreas fechadas em si mesmas, é que nestas breves palavras posicionadas num olhar que desafia as possibilidades de interação entre áreas de conhecimento aqui delimitadas: nas Ciências Sociais e

¹Capítulo de Tese defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da Ciência da Universidade de Évora – Portugal. A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO EM CIÊNCIA & TECNOLOGIA: Análise histórica do Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias (PNBU - 1986). Orientadores: Doutora Maria de Fátima Nunes. Doutora Eliany Alvarenga de Araújo. Doutor Armando Barreiros Malheiro da Silva.

² Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

³ Universidade de Évora, Portugal.

⁴ Universidade Federal de Goiás, Brasil.

⁵ Universidade do Porto, Portugal.

Ciências Sociais Aplicadas, nessa pesquisa essas áreas se encontram num entrelaçamento próprio do que se convencionou cientificamente chamar de interdisciplinaridade.

A perspectiva abordada interrelaciona História da Ciência, Biblioteconomia e Ciência da Informação, numa história que trata a produção da ciência, numa configuração de interações sociais, histórico-cultural e tecnológica pensada a partir de uma prática científica com suas relações na sociedade. Dessa forma, busca para explicação dos problemas sociais mantém uma diferença com a tecnologia que *“usa el conocimiento para elaborar artefactos y planes que contribuyen a modificar la realidad (natural o social) más que a explorarla o entenderla”* (BUNGE, 1999, p. 15).

A abordagem da História da Ciência nesta pesquisa não se estabelece de forma biográfica, mas num sentido evolutivo de interação entre áreas ao abordar a Biblioteconomia e Ciência da Informação como áreas científicas factíveis de ser realizado um trabalho numa perspectiva da História da Ciência proporcionando um contributo para o desenvolvimento de uma interação da prática científica entre as áreas. Não atende esta pesquisa aos requisitos mais filosóficos das áreas em questão e sim foca a História como base para construção de uma narrativa.

Se a Biblioteconomia e a Ciência da Informação possuem questões em comum, ainda que sejam áreas distintas, contudo ao serem confrontadas com a História da Ciência, no contexto de suas fundamentações filosóficas, configuram-se em conhecimentos distintos. Ao unir-se à História da Ciência, atribui uma fundamentação que é possível considerar a ocorrência do fenômeno, ao mesmo tempo em que pode ser tido como um acontecimento histórico, passível de ser estudado do ponto de vista da História.

No entanto, se faz necessário uma noção sobre a ciência e a história como uma compreensão de que a caminhada da humanidade deixou marcas no tocante à evolução científica, contudo não é ocupação desta pesquisa traçar toda a trajetória e entendimento que a História da Ciência perfaz ao longo do tempo. No entanto, se faz coerente estabelecer as bases que fundamentam um breve comentário sobre o conceito de ciência, especialmente no século XIX, quando ocorreu o surgimento de novas e variadas ciências, que levaram os estudiosos a repensar o antigo conceito dessa palavra.

Precisamente não há uma determinação acabada sobre o que é ciência, todavia se pode ter a percepção por meio de construções epistemológicas, de características da ciência. No entanto, essa investigação não se circunscreve apenas ao âmbito da Filosofia, mas a outras disciplinas meta-científicas (MARTINS, 1999). As respostas à definição de ciência incluem os fenômenos empíricos descritos ao longo do tempo. A ciência procura responder a problemas propostos por atores científicos (indivíduos e instituições), que podem ser solucionados por meio de métodos científicos. Do ponto de vista de uma interpretação contemporânea sobre o que é ciência, essa pode ser considerada como uma linguagem construída para explicar e transformar o mundo (CHASSOT, 2004).

A ciência do ponto de vista de Michel Foucault está situada como “campo do saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que modifica de acordo com suas mutações” (FOUCAULT, 1997, p. 209). Essa percepção considera a ciência como um processo de construção de novas explicações para as discussões epistêmicas sobre a ciência e sua identidade de campo do saber.

Considerando como Alan Chalmers (1993, p. 211) trata a questão *o que é ciência?*, “cada área de conhecimento deve ser julgada pelos próprios méritos, pela investigação de seus objetivos, e, em que extensão é capaz de alcançá-los”. Assim, não está no âmbito da ciência a busca da verdade na determinação de uma área científica, logo “cada área do conhecimento pode ser analisada por aquilo que é. Ou seja, podemos investigar quais são seus objetivos” (CHALMERS,

1993, p. 211). O que Alan Chalmers quer dizer é que não existe uma ciência única, mas diversas áreas de conhecimento estabelecidas como disciplinas científicas, e que estas podem ser consideradas ciência a partir do objeto que as caracteriza.

Considerando a evolução científica num recorte temporal, pode-se aqui determinar o seu tratamento a partir do século XIX, com o desenvolvimento das Ciências Sociais, cujas respostas para as interrogações da ciência deixam de estar concentradas apenas na natureza, passando a incluir os embates das relações sociais. Dessa forma é a sociedade que faz a história da humanidade e, por conseguinte o desenvolvimento da ciência (CHASSOT, 2004).

Dessa forma, a História da Ciência para se constituir como disciplina das narrativas históricas da ciência, necessita de uma interação com outros campos de conhecimento, de maneira a contribuir com a história do conhecimento.

2 UMA COMPREENSÃO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA

Durante o século XIX, a Europa passou por um período de supremacia no desenvolvimento social, tecnológico e científico. A ciência passou a ter um valor na explicação e resolução de problemas afastando-se da especulação. Dessa forma o mundo passou a ser visto através de análises metodológicas para os fenômenos sociais. Isto impôs uma evolução do pensamento humano, conferindo maior elevação do pensamento científico para questões humanas. É nesse século em questão que surgem diversas ciências como disciplinas de estudo, entre elas a História. (ROSA, 2012).

É no século XIX que a História firmou-se como ciência e disciplina científica, na evolução da explicação do passado, sendo este considerado o século da história. Dessa forma, a compreensão de História passa por um processo de significação histórica a qual se preocupa não apenas com “orientações cognitivas, mas também causais, da realidade”. (CARR, 1996, p. 139). Assim, a explicação sobre o conhecimento do passado constitui-se em um progresso na história humana, mas ainda recorre a conhecimentos que são da competência de outras disciplinas para dar conta da complexidade da narrativa dos acontecimentos ocorridos. E apesar dessa ocorrência interdisciplinar, ou talvez por ela a História seja considerada por Bunge (1999) a mais madura das Ciências Sociais.

Como ponto de compreensão das Ciências Sociais além da História, a Sociologia, a Antropologia e a Etnologia compõem as divisões iniciais desse campo de conhecimento desenvolvido a partir do século XIX. Contudo para esta pesquisa salienta-se apenas uma breve palavra sobre a Sociologia e a História.

A Sociologia ocupa-se do estudo dos fatos sociais que são “fenômenos que se passam no interior da sociedade, por pouco que apresentem, além de certa generalidade, algum interesse social” (DURKHEIM, 1995, p. 46). Dessa forma, a Sociologia estuda a sociedade em suas diferentes formas de organização, assim como os processos de interação entre indivíduos, grupos e instituições. (SIMIAND, 2003).

A formação das ciências, em caso específico aqui de interesse a História que

[...] é uma disciplina bem constituída, possui considerável organização científica, pesquisadores numerosos e experientes, um método a cada dia melhor definido e empregado com consciência e rigor. O estudo dos fenômenos sociais só tem a ganhar caso seja confiada o labor preciso, paciente, seguro e experimentado da disciplina histórica. (SIMIAND, 2003, p. 68).

É com essa compreensão que a História se insere no contexto das ciências, como uma ciência estruturada e com uma prática científica reconhecida por fazer a descrição dos acontecimentos e torná-los compreensíveis para a humanidade. Assim, a História começa a ser concebida como ciência na Alemanha com Leopold von Ranke (1979, p. 41) o qual propõe seu método devendo levantar “os fatos como eles realmente se passaram”. Quanto ao conceito de História é “a descrição do que é específico quer dizer compreensível, nos acontecimentos humanos”. (VEYNE, 1971, p. 36). Contudo um pensamento contemporâneo é de que a História como “ciência distingue-se apenas pelos seus métodos e pelas normas, com cujo auxílio ela conduz a resultados comprováveis”. (KOSELLECK, 2006, p. 120). Logo, o conceito moderno de História passa por uma discussão da temporalidade e vai além da concepção de narrativa, sendo vista como “espaço de ação e processo, progresso e evolução, criação de sentido e destino, acontecimento e ação”. (KOSELLECK, MEIER; GÜNTHER; ENGELS, 2016, p. 223).

No entanto, Reinhart Koselleck (2006), apresenta uma reflexão que não dá a história uma condição de ciência acabada, visto que não possui um objeto de estudo próprio, dividindo o próprio com outras Ciências Sociais. Logo o objeto fenômenos histórico pode ser isolado de outras disciplinas com outras percepções sistematizadas.

Considerando, portanto, que a História se subdivide em muitas Histórias, entre elas a História da Ciência, assim, se faz necessário tratar a História da Ciência como campo de conhecimento não apenas dentro da ciência ou a margem da história, mas ao longo do tempo vai evoluindo com a aquisição dos métodos da história, da Sociologia e da Antropologia, bem como com ciências humanas, que contribuem para a História da Ciência contemporânea como área de estudos, cujos “métodos e processos foram criados para que a História da Ciência pudesse adaptar, de maneira harmoniosa, esses conhecimentos variados vindos de diversas áreas”. (ALFONSO-GOLDFARB, 1994, p. 9).

Alexandre Koyré (1982) afirma que a História da Ciência se constituiu como disciplina independente no século XVIII, dados os avanços do pensamento histórico-filosófico e das descobertas científicas, bem como pelo otimismo com que foi marcado o século das luzes. No entanto, Helge Kragh (2001) faz uma reflexão sobre a História da Ciência que considera que o século do iluminismo, ainda não tinha elementos para reconhecer a ciência como fenômeno histórico, sendo a História da Ciência tida como uma exposição cronológica de fatos, não uma reflexão.

A História da Ciência ganha sua autonomia metodológica no século XX, embora já na segunda metade do século XIX tenha em Paul Tannery uma importante participação na construção da História da Ciência moderna, na sua organização como disciplina, sendo abordada como parte da história geral da humanidade, Paul Tannery difundia a ideia de amplitude da História da Ciência visando descrever o desenvolvimento da ciência como um todo.

Outro historiador da ciência que embasou os fundamentos modernos da História da Ciência foi George Sarton com participação na institucionalização da História da Ciência ao ajudar na fundação de várias sociedades para História da Ciência em várias partes do mundo, bem como na difusão do pensamento científico por meio do periódico *Isis*, sendo seu fundador em 1912, e que almejava uma “História da Ciência real, isto é, ciência como a conhecemos hoje”. (DEBUS, 2004, p. 32).

Nessa perspectiva, a História da Ciência transcende suas fronteiras enquanto disciplina, para o desafio, junto a outras ciências, de explicar o mundo contemporâneo, quanto ao desenvolvimento científico e tecnológico, cuja prodigiosa expansão do conhecimento traduz uma integração de saberes na construção científica.

Assim sendo, pode-se acrescentar, nesse estudo, a área de conhecimento das ciências sociais aplicadas, que tem na aplicabilidade da ciência a construção de produtos e modelos na expectativa de preencher as necessidades sociais. Constituindo “uma área do conhecimento e de atuação profissional multivalente [...] produz conhecimentos que, aplicados às organizações, tratam de conduzi-las ao alcance dos objetivos visados”. (DIEHL; TATIM, 2004, p. 35). Nesse campo de conhecimento situam-se a Biblioteconomia e a Ciência da Informação entre outras.

Assim sendo, e diante da necessidade de encontrar no conhecimento estabelecido uma correlação com enfoque de interação entre campos científicos, foco desta pesquisa, é que buscaram-se autores que estabelecem um diálogo possível entre a Biblioteconomia, a Ciência da Informação e a História da Ciência. Dessa maneira

[...] a ciência busca, essencialmente, desvendar e compreender a natureza e seus fenômenos, através de métodos sistemáticos e seguros. No entanto, face à dinamicidade intrínseca à própria natureza, seus resultados são sempre provisórios. Isto é, esses sistemas explicativos não têm caráter permanente. Inserem-se num processo ininterrupto de investigação, o que faz da ciência uma instituição social, dinâmica, contínua, cumulativa. Em tal perspectiva, sem pretensões históricas, infere-se que a ciência influencia há séculos a humanidade, criando e alterando convicções, modificando hábitos, gerando leis, provocando acontecimentos, ampliando de forma permanente e contínua as fronteiras do conhecimento. (TARGINO, 2000, p. 2).

A História da Ciência em sua essência possui um contexto interdisciplinar, segundo o qual

[...] a percepção de que a ciência e sua produção são historicamente contextualizadas e o diálogo interdisciplinar favoreceram o aumento significativo não apenas de pesquisas, como também dos objetos e problemas propostos para análise, das fontes documentais utilizadas e das opções teóricas de abordagem. (SILVEIRA, 2010, p. 840)

Esta visão interdisciplinar tem seu futuro na perspectiva de que a História da Ciência “deve estar aberta a novas interpretações em direção a um diálogo cada vez mais enviesado para o presente e o futuro, sem se deixar encerrar numa objetivação fechada sobre si mesma no passado”. (BELENS; PORTO, 2009, p. 31). Assim, a História da Ciência pode dialogar com outras áreas, em especial nesta pesquisa com a Biblioteconomia e Ciência da Informação ao colaborar, em sua condição metodológica para as explicações da evolução de paradigmas que envolvem a construção e organização do saber.

Compreendendo paradigma na construção do pensamento de Kuhn (1997) em que o conhecimento estabelecido é confrontado com novos parâmetros explicativos, estabelecendo uma mudança conceitual e técnica para fenômenos da ciência. Sendo ainda observado que

O desenvolvimento de qualquer ciência admite-se habitualmente que o primeiro paradigma explica com bastante sucesso a maior parte das observações e experiências facilmente acessíveis aos praticantes daquela ciência. (KUHN, 1997, p. 91).

Exigindo um desenvolvimento posterior para observação do campo científico na construção de novidades não explicadas por meio do senso comum, mas por meio de descobertas que conduzem às mudanças paradigmáticas afetando em profundidade o conhecimento existente.

3 A BIBLIOTECONOMIA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

No que diz respeito à Biblioteconomia, historicamente, a referência é o bibliotecário francês Gabriel Naudé por ter cunhado o termo Biblioteconomia, contudo seu enfoque foi técnico, considerando o aspecto prático que envolve a instituição de uma biblioteca. Foi na Alemanha do século XIX que surgiu o primeiro pensamento da Biblioteconomia enquanto ciência, com Martin Scherrettinger ao publicar a obra *Versuch eines vollständigen Lehrbuchs der Bibliothekwissenschaft order Anleitung zur vollständigen Geschäftsführung eines Bibliothekars* (1829). (MORALES LÓPEZ, 2008). É o primeiro momento em que é sistematizada a Biblioteconomia enquanto disciplina independente e cunhado o termo *Bibliothekwissenschaft*, ou ciência bibliotecária. O mundo anglo-saxão dividiu-se em dois termos: *Librarianship* na Inglaterra e *Library Science* nos Estados Unidos da América. O grande nome da Biblioteconomia norte americana é, sem dúvida, Melvil Dewey, cuja sistematização de uma classificação decimal atribui um elemento inovador para organização técnica das bibliotecas. Outro enfoque de Melvil Dewey consiste na educação técnica dos bibliotecários. (MORALES LÓPEZ, 2008).

Jesse Hauk Shera, um dos representantes da Escola de Chicago, já no século XX, identifica a Biblioteconomia como uma ciência social, com caráter interdisciplinar. Pierce Butler, também representante dessa Escola admite na obra *An introduction to Library Science*, publicada em 1933, um *corpus* teórico e uma fundamentação epistemológica da Biblioteconomia, num conceito interdisciplinar com a Sociologia, Psicologia e História.

Pierce Butler (1971, p. 19), ao considerar o estabelecimento do campo científico da Biblioteconomia considera a troca de conteúdos na construção do estudo científico da Biblioteconomia explicitando que

Haverá um intercâmbio mútuo e contínuo de ideias com outros campos do estudo científico. Serão utilizados resultados de outras ciências e as descobertas da Biblioteconomia serão fornecidas às demais, também. O campo do novo empreendimento será sempre considerado essencialmente como apenas um aspecto do complexo maior que é a atividade humana.

Ao sinalizar para a interdisciplinaridade com outras ciências, Butler (1971) aponta a relação que a Biblioteconomia tem com a História, quando demonstra a existência de desenvolvimento da sociedade que leva ao acúmulo de conhecimento e sua transmissão por meio do registro gráfico (escrita). Dessa forma, são compreendidos alguns fenômenos históricos que contribuem para a ciência da Biblioteconomia e a formação de um *corpus* profissional, visando à contribuição para função da biblioteca e seu crescimento institucional.

Na exposição do pensamento sobre as variantes da História da Ciência e o conteúdo que um bibliotecário deve ter no sentido de que suas concepções sejam alicerçadas do ponto de vista do pensamento histórico, Butler (1971, p. 67) considera que “a prática do bibliotecário será em parte determinada por sua compreensão da História”. Quanto ao historiador da ciência, Butler (1971, p. 67) afirma que seu interesse primordial é pelo “eterno presente da verdade absoluta, ele sempre tem uma consciência mais aguda do desenvolvimento progressivo do que um classicista literário”.

Além de estar presente também no conteúdo de erudição do bibliotecário que, inserido na cultura social e com uma função de educador, é capaz de transmitir conteúdos e auxiliar na investigação de novos conhecimentos, dessa forma terá o reconhecimento social de seu campo de atuação. Nesse sentido, o fazer bibliotecário inclui como

[...] tarefa principal colecionar para a comunidade os registros gráficos de maior importância para seu bem-estar social e explorá-los ao máximo em benefício da própria organização e administração do seu cargo para este propósito. Para fazer isto inteligentemente precisa utilizar constantemente o seu conhecimento da história da ciência, particularmente em seu mais recente desenvolvimento. (BUTLER, 1971, p. 68).

Contudo, o bibliotecário precisa conhecer além do conteúdo que encerra a custódia e técnica biblioteconômica, também conteúdos que promovam a compreensão da função da biblioteca no seu contexto cultural em sua dimensão histórica.

Do ponto de vista conceitual, a Biblioteconomia passa a ter uma cientificidade com o estabelecimento das cinco leis da Biblioteconomia pensadas por Ranganathan, atribuindo um conceito moderno à prática biblioteconômica frente ao desenvolvimento da sociedade. Para Ranganathan (2009), a determinação de uma ciência social consiste na aplicação do método científico, que tem nos “princípios normativos” a fundamentação da disciplina como condição de ciência. Assim sendo, as cinco leis de Ranganathan atribuem à Biblioteconomia um *corpus* de “princípios normativos” possíveis de serem tratados pelo método científico, visto que, na visão de Ranganathan, a Biblioteconomia deve ser reconhecida como ciência.

Na trilha do desenvolvimento científico da Biblioteconomia, Araújo (2014, p. 87-91) aponta três aspectos que fundamentam a Biblioteconomia em sua contemporaneidade:

- a perspectiva do pensamento funcionalista – que se traduz na análise dos procedimentos técnicos para o tratamento do acervo e seu relacionamento com a sociedade;
- a perspectiva do pensamento crítico – cuja prática é desenvolvida para inclusão adotando a ação cultural como fator de “intervenção na realidade”; e,
- estudos de usuários – identificando as necessidades do usuário o uso efetivo da biblioteca no atendimento à comunidade, bem como diagnosticar, avaliar e planejar as ações da biblioteca.

O autor ainda destaca três tendências contemporâneas para a Biblioteconomia:

- a mediação – atuação do bibliotecário numa intencionalidade de difusão do saber abrangido na biblioteca numa proposta de “participação multicultural no espaço da biblioteca”;
- a *Information Literacy* – representando uma mudança na concepção da Biblioteconomia, ao mesmo tempo em que incorpora aspectos educacionais de empoderamento de competências com foco no processo de aprendizado, transformando a biblioteca em “uma organização aprendente, provocadora de mudanças nas instituições em que se situam”; e
- a biblioteca digital – situando-a numa realidade de alta tecnologia em que se destaca a *Web 2.0* e a criação da chamada *library 2.0*, cujo foco é na interação biblioteca/usuário que passa a participar “na construção dos conteúdos que todos vão usar”. (ARAÚJO, 2014, p. 87-91).

Do ponto de vista de sua cientificidade, situada no âmbito das ciências humanas como tronco principal e tendo como subdivisão o âmbito das ciências sociais aplicadas. Araújo (1991, p. 16) entende que a

[...] cientificidade das ciências humanas é sempre "um vir a ser", pois o sentido que move a ação não permanece invariável, exigindo assim, para sua interpretação, diferentes esquemas analíticos. Consideradas desta maneira, as ciências humanas são ciências em construção, que lutam para alcançar um método científico, que sempre está sendo elaborado e reelaborado, a partir dos diferentes esquemas analíticos montados, para os diferentes sentidos das ações.

Ou seja, existe uma espécie de metamorfose nas formulações do conceito estrutural das ciências no que tange à elaboração científica de seus contornos e alcance. Nesse sentido, Araújo (1991) ao construir o pensamento de uma “subjetividade enclausurada” da Biblioteconomia, argumenta sobre a cientificidade da Biblioteconomia, cuja discussão concebe passar pelo contexto da ciência moderna, para alcançar a criticidade necessária ao desenvolvimento de uma explicação filosófica e epistemológica da Biblioteconomia.

E, em meio ao discurso científico de ser ou não ser ciência, a Biblioteconomia passa a ocupar posição na construção de uma nova ciência forjada no contexto pós-moderno em que se configurava a sociedade do século passado. O desenvolvimento tecnológico e científico favorece a produção de informação, tendo por consequência uma explosão informacional, que leva a um desenvolvimento técnico-conceitual da recuperação da informação, como base para um novo campo de conhecimento.

4 A INTERAÇÃO INTERDISCIPLINAR DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Assim sendo, com o surgimento da Ciência da Informação em meados do século XX, as discussões em torno do conteúdo epistêmico entre Biblioteconomia e Ciência da Informação ganham cada vez mais estudos. Embora tenha como princípio histórico o século XX, a Ciência da Informação, “não surge espontaneamente em meados deste século. De facto, ela tem raízes em outras disciplinas que, desde muito antes, se começaram a afirmar como tal”. (SILVA; RIBEIRO; RAMOS; REAL, 2009, p. 27). Assim a Ciência da Informação mantém uma interação com a Biblioteconomia, a Documentação, a Arquivologia e a Museologia.

Associado ao fluxo de informação o desenvolvimento tecnológico, cuja utilização da máquina para automatizar processos, armazenamento e recuperação da informação, associado aos interesses de especialistas em estabelecer novos significados às mudanças ocorridas, em meio a uma “explosão da informação”, cuja repercussão foi o surgimento da *Information Science*, uma nova área que se ocupa a partir de então, em estabelecer um *corpus* epistemológico para o conjunto de disciplinas relacionadas com a informação, a qual já nasce interdisciplinar. (SILVA; RIBEIRO; RAMOS; REAL, 2009, p. 27-29).

Apesar da similaridade quanto ao objeto que compõe a episteme da Biblioteconomia e Ciência da Informação, que é a informação, para Saracevic (1996, p. 49) a “Biblioteconomia e Ciência da Informação, embora relacionadas, constituem campos diversos”. De onde se pode inferir que possuir semelhanças não significa a igualdade, ainda que se tenha como objeto de convergência, a informação. Diante de uma vasta teorização da informação, a que aqui importa como elo entre os campos de conhecimento ora abordados é a percepção de Silva (2006) quando define informação como uma espécie de substância, capaz de ser manipulada e consumida, devendo ser transformada em matéria e por consequência depositada em algo manuseável, um suporte físico.

Assim, é atribuída à informação, uma flexibilidade na forma de ser e ao mesmo tempo um atributo de materialidade, possível de ser armazenada, tratada e recuperada, com vistas a uma necessidade e uso. Em face disso, está presente no contexto científico da produção e comunicação da informação.

Nessa perspectiva a informação possui uma transcendentalidade, sendo que

[...] não podemos esquecer que a própria natureza da informação, sua horizontalidade ou onipresença em todos os campos do conhecimento, pode determinar as relações

interdisciplinares. Isto significa que pesquisas de redes e sistemas de informação especializados ou as chamadas "aplicações", comunicação científica e tecnológica e mesmo Bibliometria conduzirão, obrigatoriamente, a estudos vinculados à área em questão, seja via Sociologia da Ciência, História da Ciência ou da Cultura. (PINHEIRO, 1997, p. 240)

Temos, portanto, uma perspectiva de que, sendo a informação objeto da Ciência da Informação, é inevitável a interdisciplinaridade com outras ciências, caso específico da Biblioteconomia e História da Ciência.

5 CONCLUSÃO

Quando se reconhece o diálogo das ideias, podem ser ampliados os espaços para novos olhares, dando a conhecer possibilidades de estudos que oportunizam a interação entre as ciências numa investigação que supera a linha de circunscrição de saberes organizado historicamente.

Nessa perspectiva, pautou-se uma pesquisa, cuja abordagem da Biblioteca Universitária numa perspectiva histórica, promovendo a confluência das ciências entre a História da Ciência, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

O Estudo foi realizado a partir da constituição do Plano Nacional de Biblioteca Universitária (PNBU), em que foi elaborada uma narrativa que retira do silêncio do tempo histórico, a primeira política para a biblioteca universitária brasileira.

Dando sentido para interdisciplinaridade entre as disciplinas postas, na construção de uma produção científica que registra fatos ocorridos no passado em favor da biblioteca no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALFONSO-GOLDFARB, A. M. **O que é história da ciência**. São Paulo: Brasiliense. 1994.

ARAÚJO, C. A. A. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação: o diálogo possível**. Brasília: Briquet de Lemos. 2014.

ARAÚJO, E. A. A subjetividade enclausurada: o discurso científico na biblioteconomia. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, 1 (1), p. 14-22. 1991.

BELENS, A. de J.; PORTO, C. M. Ciência e tecnologia, uma abordagem histórica na sociedade da informação. In: PORTO, C. M. (Org.). **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online]. Salvador: EDUFBA. 2009.

BUNGE, M. **Las ciencias sociales em discusión: una perspectiva filosófica**. Tradución Horacio Pons. Buenos Aires: Editorial Sudamericana. 1999.

BUTLER, P. **Introdução da Biblioteconomia**. Tradução M. L. Nogueira. Rio de Janeiro: Lido. 1971

CARR, E. H. **O que é história?** Tradução Lucia Maurício de Alverga. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

CHALMERS, A. F. O que é ciência afinal? In: CHALMERS, A. F. (1993). **O que é ciência afinal?**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense. p. 210-211. 1993.

CHASSOT, A. **A ciência através dos tempos**. 2. ed. São Paulo: Moderna.

DEBUS, A. G. Ciência e História: o nascimento de uma nova área. In: ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; BELTRAN, M. H. R. **Escrevendo a História da Ciência**: tendências, propostas e discussões historiográficas. São Paulo: EDUC. p. 13-42. 2004.

DIEHL, A. A.; Tatim, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Pearson/Prentice Hall. 2004.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves. & Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 1995.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. 5. ed. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1997.

KOSELLECK, R. **Futuro passado**: contribuição à semântica tempos históricos. Tradução W. P. Maas e C.A.Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio. 2006.

KOSELLECK, R.; MEIER, C.; GÜNTHER, H.; ENGELS, O. **O conceito de História**. Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2016

KOYRÉ, Alexandre. **Estudo de História do pensamento científico**. Tradução Márcio Ramalho. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1982.

KRAGH, H. **Introdução à historiografia da ciência**. Tradução Carlos Grifo Babo. Porto: Porto Editora. 2001.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Boeira e Nelson Boeira. (5. ed.). São Paulo: Perspectiva. 1997.

MARTINS, R. A. O que é a ciência, do ponto de vista da epistemologia? **Caderno de Metodologia e Técnica de Pesquisa**. 9. p. 5-20. 1999.

MORALES LÓPEZ, V. **La bibliotecología y estudios de la información**: análisis histórico-conceptual. México, DF: El Colegio de México. 2008.

PINHEIRO, L. V. R. **A Ciência da Informação entre sombra e luz**: domínio epistemológico e campo interdisciplinar. Rio de Janeiro (Tese de doutorado em Comunicação). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Brasil. 1997.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Tradução T. Zandonade Brasília: Briquet de Lemos. 2009.

RANKE, L. **Leopold von Ranke**: História. Tradução: Trude von Laschan Solstein. São Paulo: Ática. (Organizador de coletânea: Sérgio Buarque de Holanda). 1979.

ROSA, C. A. P. **História da ciência**: o pensamento científico e a ciência no século XIX. 2. ed. Brasília: FUNAG. Vol. II, Tomo II. 371. 2012.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, A. M. **A informação**: da compreensão do fenômeno e construção do objeto científico. Porto, Rainho & Neves. 2006.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F.; RAMOS, J.; REAL, M. L. **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. (3 ed.). Porto: Edições Afrontamento. 2009.

SILVEIRA, A. J. T. A história da ciência pelo olhar do historiador. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, 17 (3), p. 840-844. 2010.

TARGINO, M. G. Comunicação Científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, 10 (2), p. 1-27. 2000

VEYNE, P. **Como se escreve a História**. Lisboa: Edições 70. 321. 1971.